

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

POSSÍVEL IDENTIFICAÇÃO DO PRIMITIVO LOCAL DA "PEDRA FORMOSA", NA CITÂNIA DE BRITEIROS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1935 | Número: 45

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Possível identificação do primitivo local da "Pedra Formosa", na Citânia de Briteiros. *Revista de Guimarães*, 45 (3-4) Jul.-Dez. 1935, p. 150-153.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Possível identificação do primitivo local da «Pedra Formosa», na Citânia de Briteiros

Quando em 1930, ao ser aberta a caixa da estrada da Citânia, surgiu o monumento funerário que hoje constitui uma das mais atraentes curiosidades daquelas ruínas, com dificuldade conseguiu a Sociedade Martins Sarmento salvá-lo do vandalismo que os boçais empreiteiros queriam praticar, consumando a sua destruição e soterrando tudo novamente. Foi necessário dar-lhes uma indemnização bastante elevada, para se obter o desvio do eixo da estrada de meia dúzia de metros (!). Num país onde o grau de cultura geral fôsse superior ao nosso, e portanto os monumentos do passado merecessem o interesse devido, bastaria a simples curiosidade da descoberta para a preservar de qualquer injúria. Aqui, teve a benemérita Instituição vimaranense de pugnar, isolada, contra a indiferença ambiente. Mas salvou-se e restaurou-se o monumento; e agora, felizmente, lá o vemos, chamando as atenções de estudiosos ou de simples curiosos, de eruditos ou profanos da Arqueologia.

O rasgamento da estrada continuou a sua marcha em 1932, ligando hoje Briteiros directamente com Braga, por Espinho e Bom-Jesus. Pouco tempo decorrido após o início dos trabalhos dêste novo lanço, numa tarde em que nos encontrávamos na Citânia, verificámos, com a maior surpresa, que, a cerca de 600 metros a norte do monumento descoberto se viam

(!) Mário Cardozo, *A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da Pedra Formosa*, Separata da «Revista de Guimarães», Guimarães, 1931, p. 12.

vestígios de ruínas, já parcialmente destruídas pelos operários, mas revelando ainda uma flagrante semelhança com o monumento exumado em Setembro de 1930. Por curiosa coincidência, a estrada, contornando a encosta do monte, havia topado com duas edificações congêneres, ambas da maior importância arqueológica!

Desta vez, porém, os empreiteiros, para evitarem certamente novas dificuldades e atrasos, nada comunicaram à Soc. M. S., e, apressadamente, cortaram a

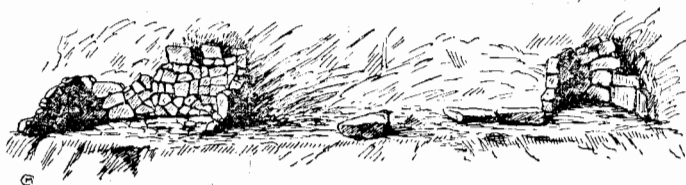


Fig. 1 — Restos de um monumento funerário da Citânia de Briteiros.

Esc. 1/200.

direito, sem desviarem um metro sequer a directriz da estrada. Salvou-se apenas o que a picareta não encontrou na sua frente.

Os vestígios dêste novo monumento funerário ficaram assim destruídos pelo meio, no sentido longitudinal, e marginando a valeta da estrada. São contudo suficientes para deixarem ver ainda parte de uma construção circular, cujos restos de parede atingem 1,^m30 de alto, três grandes pedras, muito puídas, de granito «dente de cavalo», colocadas horizontalmente, as quais faziam parte do pavimento de um corredor, e, a seguir, um pequeno recinto quadrangular, ou átrio lageado, de 3,^m20 de comprido e defendido por muros de suporte das terras, com 1,^m40 na maior altura (Fig. 1). Para interpretar devidamente estes destroços torna-se necessário reler a descrição minuciosa que fizemos do primitivo monumento, aparecido em 1930 (1).

Ficam os vestígios da nova edificação entre as muralhas exterior e média da Citânia, no ponto onde

(1) M. Cardozo, *loc. cit.*, p. 25 a 35.

elas mais se aproximam, isto é, junto ao tergo que, pelo norte, liga o Monte de S. Romão às freguesias de Sobreposta e Pedralva (1). ¿Seria aqui o primitivo local da «Pedra Formosa», a tal *cova* onde ela se encontrava e de que nos fala o Corregedor Craesbeck? (2) ¿Levá-la-ia daqui o Abade Inácio de Carvalho, em princípios do século XVIII, para o adro da Igreja paroquial de Santo Estêvão de Briteiros, de onde Sarmento a reinoveu em 76? Não repugna aceitar esta hipótese, posto que nos faltem os dados que a comprovem. Recordemos, todavia, a afirmativa do Corregedor, quando escreveu que a «cova» situada na Citânia, onde a Pedra estava tombada da sua primitiva posição, ficava «da parte do nascente» (3); e, de facto, os vestígios da edificação subterrânea, a que nos estamos referindo nesta breve notícia, ficam situados no comêço da vertente do monte, já voltada ao nascente. Mera casualidade? Talvez. Mas apesar de Sarmento afirmar que o Corregedor Craesbeck *não sabia o que dizia* (4), a notabilíssima descoberta realizada em Setembro de 1930, veio demonstrar, de um modo insofismável, que o antiquário não fantasiava, e sabia muito bem o que dizia, ao dar-nos a verdadeira posição inicial da «Pedra Formosa»: — *posta ao alto* (5).

Admitida pois a indiscutível importância dos vestígios arqueológicos de que nos estamos ocupando nesta pequena comunicação, tratámos de os defender de qualquer desacato, com uma conveniente vedação de arame, visto encontrarem-se, como dissemos, imediatamente juntos da estrada. Ali tem sido apreciada, por muitos estudiosos, a identidade flagrante

(1) Veja-se a planta reproduzida no Boletim d'este fascículo, onde é indicado o local d'este monumento e o do anteriormente descoberto.

(2) F. X. da Serra Craesbeck, *Memorias resuscitadas da Provincia de Entre Douro e Minho*, Ms. da Bibl. Nacional, Secção de Res., F. G. n.º 217, fl. 35 v.

(3) Idem, idem.

(4) F. Martins Sarmento, *Observações à Citânia do Sr. Doutor Emilio Hübner*, Porto, 1879, p. 20.

(5) Craesbeck, *loc. cit.*, e Mário Cardozo, *A Pedra Formosa da Citânia de Briteiros e a sua interpretação arqueológica*, Separata da Rev. «Brotéria», Lisboa, 1934, p. 12.

da sua traça com a do monumento descoberto dois anos antes. Ainda há pouco, o ilustre Arqueólogo da Secção de Antiguidades Irlandesas do Museu Nacional de Dublin, Sr. Dr. Seán P. Ó Riordáin, numa visita que connosco efectuou à Citânia, acompanhado de D. Ruth Jennings, uma das mais cultas e distintas Senhoras da colónia inglesa do Pôrto, verificou e confirmou a semelhança das duas ruínas.

Durante a campanha de restauro da cintura muralhada da Citânia, que no ano corrente dirigimos, desde princípios de maio, encontraram-se muitos resíduos de carvão, na terra enegrecida, e vários fragmentos cerâmicos, ao procurar-se o alicerce da segunda muralha, na parte que fica imediatamente próxima dos restos do novo monumento funerário. Dêste provinha, certamente, aquela excepcional abundância de carvão e cinzas.

¿Estaremos pois em frente do monumento funerário citaniense a que pertenceu a célebre «Pedra Formosa», cuja localização (1) e uso tantas dúvidas e interrogações, aliás bem justificadas então, deixaram no esclarecido espírito de Martins Sarmento?

M. C.

(1) F. M. Sarmento, *loc. cit.*, p. 20 a 27.